



NO PISADO DA NOSSA TERRA

NARRATIVAS DOS MORADORES DO
QUILOMBO ALTO DO TAMANDUÁ
(POÇO DAS TRINCHEIRAS-AL)



**Manoel Valquer Oliveira Melo
Evaldo Mendes da Silva
(Org.)**

 **Edufal**



**Manoel Valquer Oliveira Melo
Evaldo Mendes da Silva
(Org.)**

NO PISADO DA NOSSA TERRA
**NARRATIVAS DOS MORADORES DO
QUILOMBO ALTO DO TAMANDUÁ
(POÇO DAS TRINCHEIRAS-AL)**



Editora da Universidade Federal de Alagoas

**Maceió/AL
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Diretor da Edufal

Eraldo de Souza Ferraz

Conselho Editorial Edufal

Eraldo de Souza Ferraz - Presidente
Diva Souza Lessa - Gerente
Fernanda Lins de Lima - Coordenação Editorial
Mauricélia Batista Ramos de Farias - Secretaria Geral
Roselito de Oliveira Santos - Bibliotecário
Alex Souza Oliveira
Cícero Péricles de Oliveira Carvalho
Cristiane Cyrino Estevão
Elias André da Silva
Fellipe Ernesto Barros
José Iavimilson Silva Barbalho
José Márcio de Moraes Oliveira
Juliana Roberta Theodoro de Lima
Júlio Cezar Gaudêncio da Silva
Mário Jorge Jucá
Muller Ribeiro Andrade
Rafael André de Barros
Silvia Beatriz Beger Uchôa
Tobyas Maia de Albuquerque Mariz

Núcleo de Conteúdo Editorial

Fernanda Lins de Lima - Coordenação
Roselito de Oliveira Santos - Registros e catalogação

Conselho Científico da Edufal

César Picón - Cátedra Latino-Americana e Caribenha (UNAE)
Gian Carlo de Melo Silva - Universidade Federal de Alagoas (Ufal)
José Ignácio Cruz Orozco - Universidade de Valência - Espanha
Juan Manuel Fernández Soria - Universidade de Valência - Espanha
Junot Cornélio Matos - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Nanci Helena Reboças Franco - Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Patricia Delgado Granados - Universidade de Servilia-Espanha
Paulo Manuel Teixeira Marinho - Universidade do Porto - Portugal
Wilfredo García Felipe - Universidad Nacional de Educación (UNAE)

Projeto gráfico

JDMM

Editoração eletrônica e Capa

JDMM

Imagen da Capa

Prof. Dr. Manoel Valquer Oliveira Melo

Revisão de Língua Portuguesa e Normalização(ABNT)

Fátima Caroline Pereira de Almeida Ribeiro

Catalogação na fonte

Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

Núcleo de Conteúdo Editorial

Bibliotecário responsável: Roselito de Oliveira Santos - CRB-4 - 1633

N739 No pisado da nossa terra : narrativas dos moradores do quilombo Alto do Tamanduá (Poço das Trincheiras-AL) / Manoel Valquer Oliveira Melo, Evaldo Mendes da Silva (Org.). - Maceió : Edufal, 2025.
47 p.

Inclui bibliografia.

ISBN:978-65-5624-315-3 E-book

1. Quilombolas 2. Alto do Tamanduá. 3. Poço das Trincheiras. 4. História de Alagoas. I. Melo, Manoel Valquer Oliveira, org. II. Silva, Evaldo Mendes da, org.

CDU: 981(82) -054

Direitos desta edição reservados à

Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas

Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões

CIC - Centro de Interesse Comunitário

Cidade Universitária, Maceió/AL Cep.: 57072-970

Contatos: www.edufal.com.br | contato@edufal.com.br | (82) 3214-1111/1113

Editora afiliada



Dedicamos este livro a toda a população quilombola do Brasil, especialmente aos moradores do Quilombo Alto do Tamanduá, na área rural de Poço das Trincheiras, Sertão de Alagoas.

Ao professor Sidneclei Luiz, diretor da Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão; à coordenadora-geral da instituição, professora Fabyola Madeiro, e à coordenadora pedagógica Franciely Amália da Silva; aos professores, aos/às estudantes, às lideranças políticas e religiosas e aos moradores locais que lutam pela regularização de suas terras, pelo respeito às suas tradições culturais e ao seu modo de vida e visão de mundo particulares.

Foi um trabalho gestado coletivamente, feito por várias mãos com o desejo de que possa contribuir para melhorar o desempenho dos estudantes na escola, aumentar sua autoestima, levá-los a refletir sobre suas próprias vivências e experiências com orgulho dos seus antepassados e engajados na construção de um futuro melhor.

Sumário

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A PARTEIRA DONA MARIA VIEIRA	20
CAPÍTULO 2 – SEU MUMBUCA: O MOTORISTA DA AMBULÂNCIA	22
CAPÍTULO 3 – DONA SEBASTIANA: BENZEDEIRA E REZADEIRA	25
CAPÍTULO 4 – SEU REINALDO: PANDEIRISTA E CANTADOR DO SAMBA DE COCO	28
CAPÍTULO 5 – DONA MARIA GERUSA: A DANÇADEIRA DE REISADO	30
CAPÍTULO 6 – DAISE ANA: LIDERANÇA COMUNITÁRIA DAS ARTES À CULINÁRIA	32



CAPÍTULO 7 – SEU MERGULHÃO: TRANÇANDO CIPÓS, HISTÓRIAS E ARTES	35
CAPÍTULO 8 – MARIA DO ROSÁRIO DE JESUS: A SENSITIVA REZADEIRA QUE PRESSENTE A MORTE DO DOENTE	38
CAPÍTULO 9 – A TRADIÇÃO DE CANTIGAS DO REISADO	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
SOBRE OS AUTORES	48



PREFÁCIO

O presente livro registra as memórias de personalidades de destaque do Quilombo Alto do Tamanduá, próximo à cidade de Poço das Trincheiras, Sertão de Alagoas. Através da descrição de suas próprias narrativas, a obra faz um resgate histórico e cultural da identidade desta comunidade. As histórias se entrelaçam com as vivências de tantas outras comunidades quilombolas circunvizinhas. São artesãos, benzedeiras, parteiras, dançadores, dançadeiras e outras figuras do amplo repertório cultural local narrando suas experiências cotidianas.

A temática quilombola tem atraído muitos olhares. Pesquisadores do universo acadêmico se debruçam sobre o tema, transformam as comunidades em objeto de pesquisa, falam delas pelos seus olhares e perspectivas. Nesta obra, no entanto, os autores fazem com que os quilombolas deixem de ser objeto de pesquisa e tornem-se protagonistas de seus próprios discursos e narrativas,



contando com detalhes suas histórias e memórias dentro da comunidade, a partir de sua própria experiência.

Por muitos anos, a cultura do povo negro foi desprezada e vista como inferior. Assim, muitas riquezas da nossa história foram se perdendo ao longo do tempo. A falta de valorização e registro da cultura ocasionou a perda do reconhecimento histórico e identitário dos quilombos. Vivemos um processo de desidentificação da própria cultura, em decorrência do desconhecimento de quem somos e de onde viemos.

As danças populares, as comidas típicas, os artesanatos, as benzedeiras, as parteiras e tantos outros patrimônios culturais vêm caminhando rapidamente num processo progressivo de extinção, por falta de políticas públicas de incentivo à preservação da cultura, principalmente a de matriz africana. Não tem sido fácil para os próprios quilombolas, sem apoio governamental, manterem suas tradições culturais num ambiente em que, muitas vezes, nem a terra lhes é legalmente garantida.

Nesse aspecto, a publicação deste volume como material paradidático voltado a crianças e adolescentes é uma forma de contribuir para a preservação da memória, o reconhecimento e a identificação das novas gerações com suas raízes culturais.



A oralidade é uma das formas que temos para transmitir e preservar nossa cultura. Transcrever as narrativas como estão aqui garante que gerações futuras possam ter acesso aos conhecimentos de nossos antepassados, verdadeiros arquivos vivos da nossa história. São os idosos que preservam a memória histórica – e, em sua maioria, são iletrados, isto é, incapazes de registrar por escrito suas vivências. Entretanto, são exímios contadores de histórias.

Iniciativas como esta ajudam na preservação do patrimônio cultural dos quilombos – neste caso, especialmente, da comunidade quilombola Alto do Tamanduá. Esperamos que esta obra sirva de inspiração para outros pesquisadores e comunidades, para que se engajem na luta pela preservação de nossas memórias e proteção do nosso chão.



Profa. Dra. Maria Helena Menezes de Souza

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal de Alagoas

Quilombola da Serra das Viúvas/Água Branca-AL

APRESENTAÇÃO

A produção deste material com fins paradidáticos foi motivada por circunstâncias diversas: institucionais, de viés político-ideológico e por razões pessoais relacionadas à trajetória acadêmica dos organizadores. Do ponto de vista institucional, trata-se de um trabalho resultante da execução do projeto de extensão intitulado **Um Estudo sobre a Fronteira Intercultural de Remanescentes Quilombolas em Santana do Ipanema – Alagoas**, vinculado ao Programa de Formação em Ações de Extensão da Universidade Federal de Alagoas (Profaex/Ufal), desenvolvido de setembro de 2023 a dezembro de 2024 e coordenado pelos professores Manoel Valquer Oliveira Melo e Evaldo Mendes da Silva, tendo como estudantes colaboradores Bruno Matheus Cavalcante Santos, Maria Bethânia Rodrigues de Sousa, Rafael Silva Lima, Claudemir Cândido da Silva, Alex dos Prazeres Ferreira e Clesley de Medeiros Bonfim.



Em sentido teórico-metodológico, a produção deste manuscrito tem a intenção de documentar as memórias do povo quilombola do Alto do Tamanduá. Esse registro foi realizado através de entrevistas em que os próprios moradores são os autores de suas histórias, abrindo, assim, um espaço para demarcar a contracolonialidade do discurso hegemônico eurocentrado que ainda hoje prevalece, seja no meio acadêmico – através de pesquisas realizadas por pesquisadores não quilombolas –, seja na produção de materiais de ensino das escolas quilombolas, em que os livros didáticos e todo o recurso utilizado na formação dos estudantes são produzidos por agentes externos e agências governamentais.

Para conduzir essa problematização, considerase essencial observar a contradição presente na desvinculação entre a escola e o espaço vivido. A estratégia empregada no experimento buscou transformar os entrevistados de simples objetos de pesquisa em protagonistas ativos no discurso sociológico. Por meio desse ato político-pedagógico, corroborando o dizer de Dussel (1995, p. 60, grifo do autor), afirmamos que

Da nossa parte, como latino-americanos, participantes de uma comunidade de comunicação periférica – dentro da qual a experiência da “exclusão” é um ponto de partida (e não de chegada) cotidiano,



isto é, um *a priori* e não um *a posteriori* – nós precisamos obrigatoriamente encontrar “enquadramento” filosófico dessa nossa experiência de miséria, de pobreza, de dificuldade para argumentar (por falta de recursos), de ausência de comunicação ou, pura e simplesmente, de não-fazermos-parte dessa comunidade de comunicação hegemônica.

A interseccionalidade abordada nesta publicação busca ampliar nossos horizontes de compreensão do mundo, incorporando as visões de sujeitos historicamente invisibilizados e subalternizados. No entanto, destaca-se que esses indivíduos não são apassivados, mas sim agentes ativos em suas realidades, exercendo protagonismo em suas lutas e contribuições socioculturais.

No entendimento de Whitaker (2002), a compreensão do **outro** envolve questões metodológicas fundamentais. Para evitar as armadilhas do preconceito, a adoção de uma perspectiva crítica funciona como um antídoto eficaz. Quando essa abordagem é estimulada, novos horizontes podem ser abertos, permitindo ampliar e aprofundar a análise dos fenômenos sociais, ao mesmo tempo que se alinham novos procedimentos a técnicas convencionais. Parafraseando Enrique Dussel (1995), não



buscamos nos posicionar como aquele outro, diferente da razão, mas, ao contrário, procuramos expressar de forma eficaz a razão do Outro: do indígena vítima de genocídio, do escravizado tratado como mercadoria, da mulher reduzida a objeto sexual e da criança submetida pedagogicamente, conforme a concepção de sujeito bancário descrita por Paulo Freire.

Nesse aspecto, as histórias de vida descritas aqui foram contadas pelos próprios moradores e refletem sua cosmovisão do mundo. Como organizadores da obra, optamos por manter a linguagem falada pelos residentes locais, uma forma de não interferir em suas narrativas fidedignas e não impor normas gramaticais oficiais da língua portuguesa – o que, como sabemos, foi um dos pilares da dominação e submissão dos africanos que vieram como escravizados para o Brasil, proibidos de se expressar em suas línguas maternas.



É evidente que a sintaxe de qualquer discurso deve ser respeitada para que uma transcrição seja fidedigna. Assim, se o falante comete erros de concordância ou de regência de verbos, por exemplo, deve-se reproduzi-los em qualquer transcrição. Até porque a norma culta da língua é por vezes desrespeitada mesmo nos grupos que se consideram

mais eruditos. Transcrever erros de sintaxe não configura, portanto, falta de respeito em relação à fala do outro. Falta de respeito seria corrigi-los (Whitaker et al., 2002, p. 116).

Ao respeitarmos o modo de falar dos quilombolas do Alto do Tamanduá, também pretendemos recuperar a liberdade de expressão que, no passado, lhes foi tomada de assalto. É importante ampliar a voz quilombola no uso da língua portuguesa, incorporando palavras que desafiam as convenções estabelecidas, incluindo aquelas que os próprios eurocolonizadores evitam pronunciar. Nêgo Bispo (2023) sustenta que temos que enfeitiçar e adestrar a linguagem contra o formalismo do saber hegemônico da academia.

Na perspectiva de cunho acadêmico, nosso interesse por desenvolver o projeto de extensão que resultou neste livro tem como objetivo preencher uma lacuna na produção de material didático sobre os quilombos em Alagoas. Ainda que o estado seja conhecido por ter abrigado em seu território o histórico Quilombo dos Palmares, o fato é que existem 37.722 pessoas que se autodeclararam quilombolas (IBGE, 2022) distribuídas em 78 comunidades remanescentes de quilombos certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Destas,



apenas uma com titulação: o Quilombo Tabacaria, em Palmeira dos Índios (Fundação Oswaldo Cruz, 2022).

De acordo com a Constituição Brasileira promulgada em 1988, os povos quilombolas têm direito constitucional às terras tradicionalmente ocupadas. Do ponto de vista legal, cabe ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) o processo de demarcação dessas terras e de indenização dos proprietários (nos casos em que elas não estejam em posse das comunidades tradicionais). Conforme prevê a Constituição (Brasil, 1988), o Estado brasileiro tem o dever de propor estratégias e executar ações que garantam desenvolvimento socioeconômico e apoio para que se mantenham as condições apropriadas para a reprodução das práticas materiais e simbólicas da população quilombola.

De acordo com o escritor e poeta quilombola Nêgo Bispo (2015), para que mudanças significativas ocorram, é necessário superar o caráter autoritário presente no atual Estado Democrático de Direito. Isso exige a plena participação de todos os envolvidos nos processos de transformação social e ambiental, assegurando que quaisquer propostas sejam amplamente debatidas e que diferentes formas de linguagem e comunicação sejam respeitadas.



No entanto, como descrito acima, o cenário não é favorável, devido à demora do sistema jurídico-político brasileiro em priorizar as reivindicações desses povos, de modo que podem se passar anos ou décadas para que uma decisão judicial seja concluída. Questões como essas levam parte da população quilombola no Brasil a se mudar para áreas urbanas, em busca de melhores condições de sobrevivência, ou a buscar trabalho nas áreas rurais próximas aos quilombos, principalmente em fazendas (Navas; Kanikadan; Santos, 2015).

Apesar das dificuldades, os quilombolas mantêm fortes laços históricos, sociais e políticos, principalmente no que diz respeito ao seu reconhecimento étnico-territorial, e, por essa razão, fundaram diversas associações para fortalecer suas lutas. Em Alagoas, podemos destacar o Instituto Irmãos Quilombolas, sediado no município de Santana do Mundaú e idealizado por Cícera Vital, presidente da representação local. Essas associações mantêm contatos com entidades nacionais através de encontros em todo o País, como a Fundação Cultural Palmares (FCP), fundada em 22 de agosto de 1981, que promove e apoia a valorização dos sistemas culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, e a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), fundada em 12 de



maio de 1996, no 1º Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais, que aconteceu em Bom Jesus da Lapa, Bahia, entre outras associações com representação em todo o território nacional.

É importante destacar o papel das mulheres nessas lutas, talvez por serem elas que se ressentem de maior vulnerabilidade social e econômica em seu núcleo familiar, de modo que seu papel tem sido imprescindível nas conquistas por reconhecimento jurídico-político por parte do Estado brasileiro.

Visto que a força feminina atua independentemente do espaço físico, seja no campo, na comunidade, em casa ou na escola, o protagonismo dessas mulheres serve como um meio para a transmissão cultural e aumenta a capacidade de reconhecimento e emancipação dos atores sociais quilombolas no Sertão alagoano.

Nesse contexto histórico, é pertinente destacar a hipótese de uma conexão entre a presença da ancestralidade negra na região de Poço das Trincheiras e os quilombolas originários da Serra da Barriga. Essa suposição encontra respaldo em um documento datado de 1771 que sugere a dispersão dos negros em Alagoas após a destruição do Quilombo dos Palmares, indicando que parte dessa população pode ter migrado para áreas sertanejas. Diante dessa realidade, é essencial considerar



que o povoamento do território contribuiu para a formação de outras comunidades quilombolas locais, conforme apontam Chagas, Fausto e V. Neto (2012). Sob essa perspectiva, é indispensável aprofundar a discussão, para evitar equívocos e divergências históricas.

Na abordagem de Bispo (2015), as comunidades quilombolas adquiriram relevância histórica devido à resistência que ofereceram aos colonizadores. É importante destacar que os quilombos foram considerados organizações criminosas desde o início da colonização brasileira até a promulgação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, que decretou o fim da escravidão no País.

No contexto atual, o Quilombo Alto do Tamanduá, localizado no município de Poço das Trincheiras, em Alagoas, na divisa com Santana do Ipanema, é uma das quatro comunidades remanescentes da região. Composto por aproximadamente 300 famílias, é a quinta maior comunidade quilombola de Alagoas. Esse reconhecimento oficial foi concedido pela Fundação Cultural Palmares em 19 de abril de 2005, durante a primeira rodada de certificações no estado. Esse marco consolida a importância do Quilombo Alto do Tamanduá como um espaço de resistência que merece reparação sócio-histórica.



É relevante salientar que, de acordo com dados do Censo Demográfico (IBGE, 2022), o município de Poço das Trincheiras, atualmente, destaca-se por abrigar a quarta maior concentração populacional quilombola no estado de Alagoas, reforçando sua relevância no contexto das comunidades remanescentes de quilombos e na preservação de seu legado cultural e histórico. Essa é a principal razão que nos motiva a organizar este material paradidático.

Parte das narrativas aqui transcritas, bem como as fotografias, foram retiradas do documentário intitulado *Doc Quilombola* (2024), produzido pela Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Poço das Trincheiras e cedido pela direção da Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão.

Diferentemente do que ocorre na transcrição convencional de entrevistas em textos acadêmicos, a versão apresentada nesta obra não foi editada. O objetivo principal é preservar a matéria-prima do que foi ouvido, garantindo fidelidade ao conhecimento tradicional da comunidade quilombola, sem ocultar suas representações originárias. Trata-se de um confronto de modelos hegemônicos com os modelos contra-hegemônicos de comunicação real.



CAPÍTULO 1

A PARTEIRA DONA MARIA VIEIRA¹

Figura 1 – Dona Maria Vieira



Fonte: Captura de tela da entrevista concedida ao Documentário
Doc Quilombola, 2024.

¹ Nome da entrevistada: Dona Maria Vieira. Idade: 62 anos. Local da entrevista: Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão, Poço das Trincheiras, Alagoas. Data da entrevista: 25 out. 2024.

Nasci e me criei aqui, no Tamanduá, e ainda hoje tô, graças a Deus. A tradição é chapéu de palha, panela de barro. É... Assim, o barro a gente pisava, pisava o barro, quando acabá, peneirava e molhava e começava a fazer a panela, pote, tudo.

A minha avó era parteira, aí ela falou assim: “Ó, eu vou trazer você, quando eu estiver fazendo parto, pra você aprender, que é pra você ficar sendo parteira”. Aí, eu fui, ela me ensinou, ela fazendo parto e eu olhando. Aí, depois, ela falô: “Ó, tá tudo certinho, você agora vai ser uma parteira”.

A minha avó, ela me chamô pra eu ver ela fazendo parto da paciente, não sabe? Aí, então, ela me chamou, eu fui com ela. Aí, quando ela tava fazendo parto, ela falou: “Ó, fica aqui pra você ver, pra você aprender”. Aí, eu fiquei, ela fez o parto, eu vendo, né? Ela falô: “Ó, tá vendo, não tá?”. Eu disse: “Tô”. Ela disse: “Então, você é a parteira que vai ficar aqui no Tamanduá”.

Iam me chamá e eu ia. Às vez era a cavalo, às vez era de carro, às vez era de moto, tudo isso eu ia, pra onde me chamava eu ia.



CAPÍTULO 2

SEU MUMBUCA: O MOTORISTA DA AMBULÂNCIA²

Figura 2 – Seu Mumbuca



Fonte: Captura de tela da entrevista concedida ao Documentário
Doc Quilombola, 2024.

² Nome do entrevistado: Cícero Rodrigues Santos (conhecido como Mumbuca). Idade: 73 anos. Local da entrevista: Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão, Poço das Trincheiras, Alagoas. Data da entrevista: 25 out. 2024.

Eu sou Cícero Rodrigues Santos [conhecido como Mumbuca]. Agora, eu tenho 73 anos. Eu, com a idade, assim, mais ou menos duns 20 anos, comecei uma vida pensando que ia ser fotógrafo. Mas não deu certo. Aí, com mais uma idade na frente, uns 60 anos, por aí, eu comecei a bater foto três por quatro pra escola, casamento, batizado, entendeu? Aí, começô uma vida, aí, começô esse celular, tirando as fotos. Aí, a gente abandonô a profissão. Mas a gente era profissional sobre isso, né? Justamente, eu tirei mais ou menos umas três mil foto, mais ou menos, né? Aí, da igreja, quando começou, eu bati as foto com os carro de boi, com os trabalhadô, tudo direitinho.

E adipôs, tirei umas fotos também do pessoal que morava aqui. Não era casa de tijolo, era casa de taipa. Era os buraquinhos onde o menino urinava, né? E os buraquinhos, tudo tapado com saco de náilon, entendeu?

Pra mim, era uma alegria sobre esse povo, né? A gente se criamo tudo junto, nunca teve diferença de um pro outro. Pra mim, somos todos irmãos, né?

E aí, antonce, eu comprei um carrinho, aí fiquei como uma imbulância aqui. Carreguei umas 600 mulheres pra ter filhos no hospital de Santana [do Ipanema, município de Alagoas]. Eu fiz, eu anotei tudo direitinho.

Quando chegava no caminho, que eu olhava pra cara da mulher, que eu via que ela não tinha condição



de chegar no hospital, eu dizia: “Olha, mulher, vamos se encostar aqui numa casa, que eu vou chamar a dona Maria Ligeira pra gente fazer o parto”. Eu sei que eu vinha chamar ela na hora que a mulher tinha o menino, aí eu dizia: “Você fica aí, que amanhã eu venho lhe pegar pra levar em casa”. Elas dizia não, aí eu enrolava elas com um lençol, botava dentro do carro e ia deixar na casa dela. E hoje, tá aí a menineira. Tem uns 600 meninos por aí, eu não conheço nem quem, né? Mas estão tudo por aí, graças a Deus, e a gente tá vivendo. Do jeito que Deus quer.



CAPÍTULO 3

DONA SEBASTIANA: BENZEDEIRA E REZADEIRA³

Figura 3 – Dona Sebastiana



Fonte: Captura de tela da entrevista concedida ao Documentário *Doc Quilombola*, 2024.

Eu sou benzedêra, danço Reisado, samba de coco e mais o que botá! [Aprendi] com a minha tia. Ela que me

³ Nome da entrevistada: Sebastiana Bernardino de Jesus. Idade: 64 anos. Local da entrevista: Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão, Poço das Trincheiras, Alagoas. Data da entrevista: 25 out. 2024.



ensinou, que ela era rezadêra. Ela disse: “Você que é mais desenrolada, eu vou ensinar você pra rezar no povo”.

Aí, Ave Maria, todo mundo vai pra lá [para sua casa]. Porque meu pai, antes de morrer, tinha me ensinado um bocado de coisa. Aí, eu digo: “Vou ficar, né? ”. Aí, o povo quer, eu rezo nas crianças, rezo em gente véio, faço um bocado de coisa.

Hômi... Eu era pequena ainda quando eu comecei, mais meu tio que morreu. Ele ensinou a gente. Aí, a gente ficou sabendo pumode ele, né? Porque ele ensinou, a gente dançava com ele, pra todo canto ele levava a gente. Eu era pequeninha, eu ficava lá atrás, tinha de 10 anos para 12 quando comecei.

Hoje, eu danço até hoje, só não vou poder mais dançar depois que morrer, né? Mas enquanto eu tiver viva, eu vou dançar meu Reisadinho de novo, samba de coco, roda de arrasta, que é no samba que tem tudo isso.

Ainda nesse tempo, nem tinha luz [elétrica], era uns candierinho de gás. Na casa, o povo chamava a gente, a gente ia, um monte de casa. Tinha uns morcego assim, acolá. Aí, quando teve o grupo, aí a gente dançava no grupo. Era assim.

Aí, nesse grupo ali velho, nós dançava lá. Ele [seu tio] dançava Reisado, tocava samba de coco, tocava o samba de candeeiro.

Quando chamavam ele pra fazer uma casa de taipa, pra apilar, chamava ele, nós ia dançar. Era assim. Ele e o outro, meu tio, tocava samba de coco.



CAPÍTULO 4

SEU REINALDO: PANDEIRISTA E CANTADOR DO SAMBA DE COCO⁴

Figura 4 – Seu Reinaldo (ao centro)



Fonte: Captura de tela da entrevista concedida ao Documentário
Doc Quilombola, 2024.

“Sem ela, com essa dor na costela, eu me acabo de dor...”.

⁴ Nome do entrevistado: Reinaldo Vieira da Silva. Idade: 59 anos. Local da entrevista: Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão, Poço das Trincheiras, Alagoas. Data da entrevista: 25 out. 2024.

Meu nome é Reinaldo Vieira da Silva. Sou representante aqui do Alto Tamanduá do samba de coco, samba de pisada pro pessoal pisar. Na época, o pessoal tinha aqui muita casa de barro. Aí, fazia o aterro, molhava o chão e aterrava. Aí, depois, quando aquele aterro, aquela molhação ia enxugando, era o ponto de fazer o samba de coco. Se reunia aqui muita gente pra fazer aquilo. Era uma animação e tanto.

Mas depois que começou a fazer as casas de tijolo. Aí, agora, acabou mais esse negócio do samba de coco. Às vezes, eu canto só por brincadeira. Mas, assim, como eu cantava antigamente não é mais, não. Pumode com as casas de tijolo não aterra mais com samba de coco, não.

Aqui, eu aprendi a tocar pandeiro, eu aprendi comigo mesmo. Porque tinha um colega meu lá na Lagoa da Cruz que ele era sambista, sambeiro. Só que ele não cantava mais do que eu. Eu cantava só com uma peneirinha de cipó. O meu tio fazia umas peneirinhas de cipó que batia assim com a mão. Aí, eu disse pra ele: “Se eu não sei bater pandeiro, eu não vou comprar”. Aí, ele falou: “Eu lhe empresto o meu pra você”. Eu passei lá uns oito dias com o pandeiro dele. Depois, ele disse: “Se você quiser levar o pandeiro, pode levar. Porque eu já sei bater o pandeiro”.



CAPÍTULO 5

DONA MARIA GERUSA: A DANÇADEIRA DE REISADO⁵

Figura 5 – Dona Maria Gerusa



Fonte: Captura de tela da entrevista concedida ao Documentário
Doc Quilombola, 2024.

⁵ Nome da entrevistada: Maria Gerusa Viana. Idade: 65 anos. Local da entrevista: Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão, Poço das Trincheiras, Alagoas. Data da entrevista: 25 out. 2024.

Nasci e me criei aqui [no Quilombo Alto do Tamanduá]. Quando eu estava com 10 anos, comecei a dançar Reisado com o meu tio, com meu pai, que era tocador de violão do Reisado. O Reisado tinha Mateu, o Reisado tinha os bichos, sabe? Tinha a véia, tinha o boi. Tinha um bocado de coisa bem bonita no Reisado que a gente dançava. Os fardamento era bem bonito, nós ia dançar em todos os cantos: Poço das Trincheiras, Maceió, em todo canto. Aí, depois meu tio morreu, meu pai. Aí, pronto, tinha acabado um pouco. Aí, depois, a gente começou esse agora.

Minha mãe fazia a loiça, mas ela já morreu. Adepois que ela morreu, eu comecei a fazer a panela de barro. E agora, eu estou continuando no Reisado agora de novo. O instrumento é o violão do meu, o meu pai tocava. E às vez, tinha sanfona, quando não tinha sanfona, era só o violão. E o violão e o bumbo. Mas era muito bonito. Tinha trianguinho, tinha maracá na mão. Era muito bonito o nosso Reisado. Pronto, até hoje eu danço o Reisado.



CAPÍTULO 6

DAISE ANA: LIDERANÇA COMUNITÁRIA DAS ARTES À CULINÁRIA⁶

Figura 6 – Daise Ana



Fonte: Captura de tela da entrevista concedida ao Documentário
Doc Quilombola, 2024.

⁶ Nome da entrevistada: Daise Ana. Idade: 38 anos. Local da entrevista: Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão, Poço das Trincheiras, Alagoas. Data da entrevista: 25 out. 2024.

No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. Na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria. (Santos, 2023, p. 13).

Eu sou Daise Ana, artesã, sou quilombola e também trabalho com a culinária. Eu aprendi a fazer um doce [de] cacto e estou participando de um edital que é da Fundação Cultural Palmares, [que se chama] Saber e Sabor do Quilombo. Faço vários colares, brincos e também turbantes, entre outros.

A minha lembrança era a dificuldade para pegar água, porque nós ia buscar no outro lado [da localidade] do Serrote, no lugar chamado Canoinha, porque não tinha água para beber ou caminhar até a barragem. Pegava lenha para cozinhar, porque não tinha condições de estar trocando gás. E a escola também não era muito essas coisas, porque tinha que estudar em casa de família, porque era uma casa, a nossa escola.

Eu lembro que, quando eu comecei a estudar, era uma casa. Não podia levar o livro para casa. Quando nós queria ler um livro, nós roubava o livro e corriámos para casa para ler esse livro, que uma cartilha. O nome da cartilha era *O pirulito*.



A brincadeira, nós brincávamos de roubar a bandeira, de sete caco de telha e derrubava. Aí, era turma de um lado e outra do outro, tipo uma competição, aí, quando ganhava, quem conseguia montar sem queimar com a bola, aí, ganhava e começava de novo. E roubar bandeira era um galho de árvore de um lado. Cada um tinha um do lado, e aí, quem roubasse e não conseguia ser pego, aí, conseguia vencer a competição.

Também tinha grupo de brincadeira de roda dizendo verso, escutando histórias dos nossos antigos, as história era contada no terreiro, usava saco [de] náilon e ficava deitados no terreiro, e fica os antigos contando as histórias e nós ouvindo.

Hoje, a modernidade, com a história de telefone, de televisão, aí, ninguém faz mais esse tipo de brincadeira, mas antigamente era desse jeito.



CAPÍTULO 7

SEU MERGULHÃO: TRANÇANDO CIPÓS, HISTÓRIAS E ARTES⁷

Figura 7 – Seu Mergulhão



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, Juventude e Esporte;
Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão, 2024.

Eu sempre me interessava muito, sabe? Em fazê
cestos de cipós. Eu via meu pai fazê. Meu pai e minha

⁷ Nome do entrevistado: Cícero Fernando Viana (conhecido como Mergulhão). Idade: 62 anos. Data da entrevista: 26 nov. 2024. Entrevista concedida a Bruno Cavalcante.

mãe fazia. Ele sempre me mandava aprendê, mas eu sempre... A pessoa nova não se interessa em muitas coisa. Aí, depois, fui pegando, fui vendo ele fazê e fui botando no trabalho. Aí, fui e tentei aprendê, até que aprendi. Eu tinha, na época, quando eu aprendi, eu tinha 22 anos, mais ou menos, e até hoje eu faço. É passado de pai pra filho.

Eu já estou ensinando meus meninos, eu já tenho quatro filhos que faz. Tem os neto que já tão aprendendo, inclusive esse filho da Daise faz também, já. Ele começa, termina, tem o prazer de fazer. Eu faço por causa que eu gosto de fazer mesmo, mas que eu, assim, fazer ou passá fome, não. Eu tenho meu aposento, sabe? Eu faço porque eu gosto do trabalho. Muita gente já diz: “Mas, rapaz”, eu aposentado e tirando cipó, eu faço porque eu tenho prazer de fazer.

Aqui, tem vários tipos de cipó: tem o unha-de-gato [*Uncaria tomentosa*], tem o sacalão [*Cuscuta racemosa*], o amarra-cachorro [*Jacquemontia pentanthos*] e um que chama pente-de-macaco [*Apeiba tibourbou*], que também rama pelo chão muito, bom pra fazer [o cesto].

Sempre a hora que eu chego, o cabra encontra. Numa parte, você tira num canto, aí, esse ano, você tirou, aí, já vai pra outro canto, pra onde você já pode tirá,



onde você já tirou de novo. Você tira um e nasce outro, é pela natureza mesmo.

É um prazer meu, gostaria de vê todos eles fazendo, inclusive eu vim a semana trasada aqui na escola, trouxe um pouco de cipó, fiz pros meninos ver. Muitos deles eu peguei e dei para eles botarem o cipó também, teve uns que acertaram, outros não acertaram, mas sempre fazendo. Teve um deles até que disse: “Quando eu tivê desacupado, eu vou pro Serrote [uma serra], vou tirar o cipó e vou fazer o balaio. Eu gostei de fazer o balaio!”, ele disse. Além do balaio, eu faço aquelas cestinha também, cubro, pego um bico de vidro e cubro ele com cipó.



CAPÍTULO 8

MARIA DO ROSÁRIO DE JESUS: A SENSITIVA REZADEIRA QUE PRESSENTE A MORTE DO DOENTE⁸

Figura 8 – Maria do Rosário de Jesus



Fonte: Fabyola Madeiro, 2024.

⁸ Nome da entrevistada: Maria do Rosário de Jesus. Idade: 61 anos.
Entrevista concedida a Fabyola Madeiro em 2024.

Foi meu pai que me ensinou a rezá. Comecei a rezá com uns 20 anos. Para rezá, eu uso galho de mato, pano de prato...

Eu posso rezá conforme a fé da pessoa. Se [a pessoa] tivé muita fé, eu rezo uma, duas, três. Se a pessoa tivé longe, eu posso rezá na foto, a pessoa manda aquela foto pra mim, eu rezo. Eu sinto quando uma pessoa tá doente pelo olhá, no falá, no jeito da pessoa, aí, a gente sabe.

Quando a pessoa está doente que não tem cura mesmo, que vai falecê mesmo, o caba conhece também pela reza. Porque é assim, como eu sou acostumada a rezar o Pai Nosso, eu rezo pra dormir, rezo quando levanto, uso [a rezá] para o doente. Aí, se eu começar no doente naquele momento, eu esqueço da reza, aí, eu vou começar de novo, aí, dá aquele branco de novo, aí, não sei quanta reza foi, aí, eu torno continuá de novo. Aí, nas três [rezas], se eu não acertar, pode saber que aquela pessoa...



CAPÍTULO 9

A TRADIÇÃO DE CANTIGAS DO REISADO⁹

Ninguém sabe quem compôs as cantigas do Congado, não existe uma patente, todo mundo pode cantá-las. Todo mundo pode tocar as caixas do Congado nos ritmos e nas músicas que o povo compôs. Não se sabe a autoria da maioria das cantigas cantadas no quilombo. Um artista dos nossos uma vez explicou que não escrevia para vender: “Escrevo para o povo cantar, se você quiser cantar, que cante, a música está aí. Por que você precisa comprar uma música para cantar se todo mundo já está cantando? Cante a música, moço!” (Santos, 2023, p. 11).

Diga onde é que dói, meu bem
No coração, meu amô
Uma paixão dói, meu bem



⁹ Toadas cantadas por Seu Reinaldo, 59 anos, acompanhadas de pandeiro, no dia 26 de novembro de 2024, no evento Sou Quilombola, Minhas Raízes, realizado na Escola Municipal de Educação Básica Muniz Falcão.

No coração, meu amô
Me dá uma dô na cabeça
Ou na costela e na pá
Eu não posso aguentá
De mim, ninguém não se queixa
Com essa dor na cabeça,
eu me acabo de dô
Espero por um amô chamando,
e ela não vem
Onde é que dói, meu bem?
No coração, meu amô

[...]



Tem duas bandas tocando
Cheguei com a minha bandinha
No meio das duas banda,
eu vou colocá a minha
Eu vou colocá a minha (2x)

Quando eu e ela já vinha
Na praça se rebolando
Vi duas bandas tocando
Cheguei com a minha bandinha

Olha, eu namorei uma neguinha
com apelido de Vanda,
No meio das duas banda,
eu vou colocá a minha
Eu vou colocá a minha (2x)

Tem duas banda tocando
Chego com a minha bandinha
E no meio das duas bandas
eu vou colocá a minha

Um dia, de tardezinha
chegou ela me chamando
Vi duas banda tocando
Cheguei com a minha bandinha
Vixe, que galeguinha
Desanda, meu bem, desanda
No meio das duas banda
eu vou colocá a minha

[...]



Olhe, Pão de Açúcar é pra negócio
Santana pra caristia
O Jorge ficou pra nêgo
e amarelo na água fria
E o Poço pra gente feia
E o Chicão pra melancia
Chicão pra melancia (2x)

Olhe, Pão de Açúcar é pra negócio
Santana pra caristia
O Jorge ficou pra nêgo
e amarelo na água fria
E o Poço pra gente feia
E o Chicão pra melancia
Chicão pra melancia (2x)

Não gosto de covardia,
Samba eu canto porque posso
Pão de Açúca é pra negócio
Santana pra caristia

Vou-me embora pra Bahia
Que é terra do sossego
Que o Jorge ficou pra nêgo
e amarelo em água fria

Princesa, fulô do dia
Digo tudo de uma vez
Que o Poço é pra gente feia
E o Chicão pra melancia
Chicão pra melancia (2x)



Pão de Açúcar é pra negócio
Santana pra caristia
O Jorge ficou pra nêgo
e amarelo na água fria
O Poço pra gente feia
E o Chicão pra melancia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente material paradidático tem como objetivo fomentar a discussão sobre a necessidade de uma Educação Escolar Quilombola no Semiárido alagoano, tomando como base as experiências que permeiam as memórias dos quilombolas do Alto do Tamanduá. A temática étnico-racial desponta como eixo central, exigindo uma análise sensível e aprofundada tanto como ponto de partida quanto como horizonte de chegada.

No contexto do pensamento contracolonial, apresentado como ferramenta pedagógica para uma Educação Escolar Quilombola, a questão étnico-racial transcende limites temporais, revelando-se indissociável da construção identitária e da compreensão das relações sociais. Esse enfoque demanda a valorização não apenas das narrativas históricas, mas também das repercussões contemporâneas das manifestações culturais da negritude, promovendo uma abordagem crítica e

transformadora que fortaleça a conscientização e o respeito à diversidade étnica em todas as suas dimensões.

A oralidade, reconhecida como elemento essencial do *ethos* quilombola, deve ser valorizada não como uma peculiaridade isolada da comunidade do Alto do Tamanduá, nem como algo alheio ao debate acadêmico, mas como um testemunho do indivíduo com sua essência sociocultural. Pedagogicamente, a ressignificação dessas territorialidades mostra-se uma mudança de paradigma, pois o processo educativo não pode desconsiderar o modo de ser e estar dos estudantes em seu contexto histórico e cultural.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <https://l1nk.dev/constituicao88>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CHAGAS, C. B.; FAUSTO, M.; V. NETO, P. P. **Negros em Santana**. Santana do Ipanema: Grafpel, 2012.

DUSSEL, E. **Filosofia da libertação**: crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 1995.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Mapa dos Conflitos**: injustiça ambiental e saúde no Brasil, 2022. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/uf/al>. Acesso em: 18 nov. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: Quilombolas. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

NAVAS, R.; KANIKADAN, A. Y. S.; SANTOS, K. M. P. Transição alimentar em comunidade quilombola no



litoral sul de São Paulo. **Revista Nera**, São Paulo, v. 27, p. 138-155, 2015.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCT/UnB, 2015.

WHITAKER, D. C. A. et al. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura?. In: WHITAKER, D. C. A. (org.). **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

WHITAKER, D. C. A.; FIAMENGUE, E. C. Ciência e ideologia: as armadilhas do preconceito. In: WHITAKER, D. C. A. (org.). **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

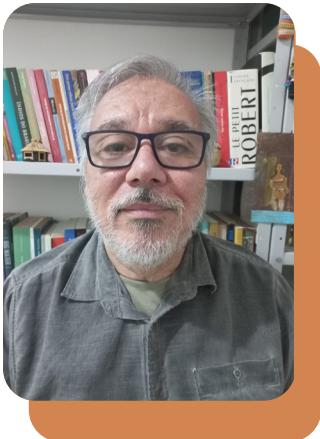


SOBRE OS AUTORES



Manoel Valquer Oliveira Melo

Doutor em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (UNIARA/SP). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFAL/AL). Graduado em Filosofia (UFAL/AL). Possui Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (UFAL/AL). Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas na Unidade Educacional Santana do Ipanema - Campus do Sertão. Membro do Grupo de Pesquisa: Centro de Estudos em Ecodesenvolvimento, Ruraisidades, Gestão (CEERG).



Evaldo Mendes da Silva

Pós-doutor em Antropologia pela The University of British Columbia (Vancouver/Canadá). Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Campus do Sertão. Unidade Educacional de Santana do Ipanema



A Edufal não se responsabiliza por possíveis erros relacionados às revisões ortográficas e de normalização (ABNT).
Elas são de inteira responsabilidade dos/as autores/as.

ISBN 978-65-5624-315-3



9 786556 243153